

7

A criouliização da linguagem

A África portuguesa e os portugueses nas Índias

O século XVI está registrado na história ocidental como a época dos chamados Grandes Descobrimentos e das Grandes Navegações. Poucos hão de ignorar o papel significativo desempenhado por Portugal naquele período: o infante D. Henrique e a Escola Náutica de Sagres; Bartolomeu Dias e o cabo das Tormentas (ou da Boa Esperança); Vasco da Gama e o caminho marítimo para as Índias são algumas dentre as várias referências ligadas ao domínio do mar, desencadeadoras de importantes consequências históricas, políticas, econômicas e, especialmente em nosso caso, lingüísticas, relatadas a seguir. Portugal foi ainda pioneiro nas viagens e conquistas de “além-pátria”, tendo, conforme se sabe, chegado ao Oriente, à África e à América e, nessas localidades, estabelecido relações comerciais e coloniais, bem antes das outras grandes potências européias, como a França, a Inglaterra e a Holanda.

No século XV, especificamente, os portugueses iniciaram a exploração das costas africanas, criando e formando entrepostos comerciais no litoral e colonizando ilhas. Assim, os lusitanos chegaram ao litoral da Índia, à Malásia, ao Sri Lanka (antigo Ceilão), ao litoral da China, enfim, hasteando sua bandeira no Oriente.

Tal avanço, concretizado em conquistas de território, adentrou os séculos XVI e XVII. Após esse período, o poderio português declina, dando lugar à ascensão de outros poderes colonialistas, como a Inglaterra e a França.

Na África, mais precisamente na costa ocidental africana, a presença lusitana está relacionada a regiões que vão desde o cabo Branco (Mauritânia), passando por Senegal, Gâmbia, Guiné-Bissau e Serra Leoa, até Gana (antiga Costa do Ouro), Benin, Togo e Nigéria, isto é, regiões que constituíam a antiga Costa dos Escravos. Portugal foi ainda mais longe, passando por Angola até Moçambique. Frutos dessa expansão inicial, restaram territórios que vieram a se constituir em colônias, cuja independência seria efetivada somente a partir de 1975: as ilhas de Cabo Verde (na costa do Senegal), Guiné-Bissau, as ilhas de São Tomé e Príncipe (no golfo da Guiné), Angola e Moçambique.

Na Ásia, os portugueses estabeleceram-se ao longo da costa da Índia, em lugares como Diu, Damão, Bombaim, Goa, Cananore, Tellicherry, Mahe, Cochim, Negatapão, Carical, Tranquebar, Cudalor e Madras. Fixaram-se, ainda, na ilha de Sri Lanka (ex-Ceilão), em Málaca (Malásia), nas ilhas de Java e Timor (Indonésia) e em Macau (China). A presença portuguesa nessas regiões foi marcante sobretudo nos séculos XVI e XVII. De todas elas, apenas Macau continua sob domínio português.

Uma das consequências de tamanha expansão política e econômica foi a pidginização e a criouliização da língua portuguesa: “última flor do Lácio, inculta e bela...”

Entradas e bandeiras I: o português na Ásia Morão Correia¹ aponta que a língua portuguesa desempenhou um papel importantíssimo no Oriente durante os séculos XVI, XVII e XVIII,

servindo de elemento de comunicação não só entre os povos europeus que percorriam essas terras, como também entre os vários povos indígenas que se ocupavam no comércio.

¹ CORREIA, S. M. A actual situação do português no Oriente. *Boletim de Filologia*, XX:13-8, 1961.

Assim, Cunha nos informa que

na primeira viagem dos holandeses às Índias Ocidentais, entre 1595 e 1597, sob o comando de Cornelis de Houtman, o tratado que celebram com o Governador do Reino de Bantan, Java, é em português. Em português são também as credenciais que Maurício de Nassau entrega ao Almirante Van Neck para serem transmitidas aos Príncipes da região².

Também Valkhoff³ relata que o rei do Ceilão (atual Sri Lanka), Taj Sinja II (1629-89), aliado dos holandeses contra os portugueses, somente aceitava correspondências em português, recusando textos enviados em holandês⁴.

Conforme atestam várias fontes históricas, o português difundiu-se largamente na Ásia durante alguns séculos (XVI, XVII e XVIII). Era a língua do comércio e da religião cristã (o catolicismo). Desse uso ampliado e inadvertido da língua lusitana nasceram vários crioulos portugueses na Ásia, em diferentes localidades. A grande maioria desses crioulos desapareceu, outros estão em processo de extinção, e alguns sobrevivem restritos a pequenas comunidades de descendentes dos antigos colonizadores portugueses. Vejamos alguns deles.

Os crioulos portugueses da Ásia são pouco conhecidos: há poucas informações seguras sobre sua sobrevivência e existência, e muito pouco material descritivo. Tradicionalmente, esses crioulos têm sido classificados em três grupos, a partir de critérios estritamente geográficos⁵. Assim temos:

1.^o grupo: *sino-português*: o crioulo português de Macau, também conhecido como macaísta e macaueño⁶. "Morto" em

² CUNHA, C. *Língua, nação, alienação*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1981. p. 50.

³ VALKHOFF, M. F. *Studies in Portuguese and Creole*. Johannesburg: Witwatersrand University Press, 1966.

⁴ Sobre a situação do português no Oriente ver: LOPES, D. *A expansão da língua portuguesa no Oriente nos séculos XVI, XVII e XVIII*. Barcelos, Portugalense, 1936; SILVA NETO, S. da. Breves notas para o estudo da expansão da língua portuguesa em África, Ásia. *Revista de Portugal*, XXII:129-47, 1957.

⁵ Para a classificação de crioulos portugueses na Ásia, ver: DALGADO, S. R. *Dialeto indo-português de Negatapão*. *Revista Lusitana*, XX:40-53, 1917.

⁶ Ver: THOMPSON, R. W. O dialeto português de Hong Kong. *Boletim de Filologia*, XIX:289-93, 1960; BATALHA, G. N. Estado actual do dialeto macaueño. *Revista Portuguesa de Filologia*, 9:177-213, 1959.

Macau, esse crioulo sobrevive, ao lado de outras línguas, na fala de cerca de 2 mil pessoas de origem portuguesa, em Hong Kong.

2.^o grupo: *malaio-português*: o crioulo português de Málaca (Malásia) e o crioulo português da Indonésia.

O primeiro, o de Málaca, é também conhecido como *papiá kristang*, *serani*, malaqueiro, malaquense, malaquenho, *bahasa geragau*, português *basu*, etc. Segundo Hancock⁷, esse crioulo é ainda hoje a primeira língua de aproximadamente 3 mil pessoas na Malásia ocidental. Há ainda em Singapura uma comunidade crioula de origem portuguesa em que se fala uma variedade do malaquenho⁸.

O crioulo português da Indonésia⁹ tem suas raízes em Jacarta (antiga Batávia) e sobrevive ainda hoje, embora em processo de extinção, na cidade de Tugu. Hancock¹⁰ refere-se também a outras variedades desse crioulo nas ilhas Sumatra, Bornéu, Flores, Ceram, Molucas, Célebes (todas elas próximas à Indonésia) e também em Xangai, no litoral da China.

3.^o grupo: *indo-português*: o crioulo português de Sri Lanka e os crioulos portugueses da Índia.

Segundo Cunha¹¹, o crioulo português de Sri Lanka é falado por uma centena de famílias nas cidades de Vaipim e Batticaloa¹². Hancock¹³ informa ser esse crioulo falado ainda por cristãos de origem portuguesa das cidades de Mannar, Negumbo, Colombo (capital de Sri Lanka), Calaturey, Galle, Trincomalee, Jaffna e Upportai¹⁴.

⁷ HANCOCK, I. F. Appendix: Repertory of Pidgin and Creole Languages. In: VALDMAN, A., ed. *Pidgin and Creole Linguistics*. London, Indiana University Press, 1977.

⁸ Idem. Malacca Creole Portuguese. *Te Reo*, 16:23-44, 1973; idem. Malaccan Creole Portuguese: Asian, African or European? *Anthropological Linguistics*, 17:211-36; e REGO, A. da S. *Dialeto português de Málaca*. Apontamentos para seu estudo. Lisboa, Agência Geral das Colônias, 1942.

⁹ SCHUCHARDT, H. Über das Malaioportugiesische von Batavia und Tugu. *Sitzungsberichte der Kaiserlichen Akademie der Wissenschaften zu Wien*, 122(9):1-256, 1890.

¹⁰ HANCOCK, I. F., Appendix..., cit.

¹¹ CUNHA, C., op. cit.

¹² Consulte-se ainda: SMITH, I. R. Sri Lanka Creole Portuguese Phonology. *International Journal of Dravidian Linguistics*, VII(2):248-406, 1978.

¹³ HANCOCK, I. F., Appendix..., cit.

¹⁴ Ver ainda: DALGADO, S. R. *Dialeto indo-português do Ceilão*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1908.

Os crioulos portugueses da Índia são muito numerosos; um exame da literatura da área permite agrupá-los da seguinte maneira:

1) crioulos portugueses da costa do Quiromandel: hoje extintos, foram falados nas cidades de Meliapor, Madras, Cudalor, Carical, Tranquebar, Pondicheri e Negatapão¹⁵;

2) grupo noroesteiro ou indo-português do norte: relacionado às variedades faladas nas cidades de Bombaim, Mahim, Bandora, Baçaim, Koralai, Taná, Andheri, Morol, Govai, Manori, Versová e Chaul¹⁶. Cunha¹⁷ informa que os crioulos de Koralai e de Chaul são falados por cerca de 700 e 400 pessoas, respectivamente. Aparentemente, as demais variedades são hoje extintas;

3) crioulo português de Goa: hoje extinto¹⁸;

4) crioulo português de Diu: provavelmente extinto¹⁹;

5) crioulo português de Damão: provavelmente extinto²⁰;

6) crioulo português de Mahé: extinto²¹;

7) crioulo português de Cananore: em processo de extinção²²;

8) crioulo português de Mangalore: extinto²³;

9) crioulo português de Cochim: em extinção²⁴;

10) crioulo português de Tellicherry: em extinção.

¹⁵ DALGADO, S. R. 1917. (Ver n. 5.) Dalgado, um estudioso de crioulos da Índia, já em 1917 informava que os crioulos da costa do Quiromandel estavam quase a ponto de desaparecer, apresentando uma descrição da variedade ainda falada em Negatapão.

¹⁶ DALGADO, S. R. Dialecto indo-português do Norte. *Revista Lusitana*, IX: 142-66 e 193-228, 1907.

¹⁷ CUNHA, C., op. cit.

¹⁸ DALGADO, S. R. Dialecto indo-português de Goa. *Revista Lusitana*, VI:63-84, 1900-01.

¹⁹ SCHUCHARDT, H. Über das Indoportugiesische von Diu. *Sitzungsberichte der Kaiserlichen Akademie der Wissenschaften zu Wien*, 103(1):3-17, 1883.

²⁰ DALGADO, S. R. Dialecto indo-português de Damão. Separata de *Ta-ssi-yang-Kwo*, Lisboa, 1903.

²¹ SCHUCHARDT, H. Zum indoportugiesischen von Mahé und Cannanore. *Zeitschrift für romanische Philologie*, 13:516-24, 1889.

²² Id., ibid.

²³ Id. Über das Indoportugiesische von Mangalore. *Sitzungsberichte der Kaiserlichen Akademie der Wissenschaften zu Wien*, 105(3):882-904, 1883.

²⁴ Id. Über das Indoportugiesische von Cochim. *Sitzungsberichte der Kaiserlichen Akademie der Wissenschaften zu Wien*, 102(2):799-816, 1882.

Entradas e bandeiras II: o português na África²⁵

Segundo Tonkin²⁶, o português foi a primeira língua europeia usada na costa ocidental da África, não somente entre portugueses e africanos, como também por outros europeus junto às populações da região. Neto relata os seguintes testemunhos:

Em 1551, o inglês Windham esteve na Guiné. Pois: "o rei de Benim falou em português aos ingleses, língua que ele tinha aprendido desde a infância"; ou ainda: Em 1563, visitando Baker a costa da Mina, "ao oeste do cabo das Três Pontas, os negros lhe falaram em bom português"²⁷.

Ao lado dessas referências sobre o uso do português, há na literatura numerosas indicações de que um *pidgin* de base portuguesa, o *pidgin* afro-português, teria sido usado como língua franca na costa ocidental da África. Assim, em 1666, Villant de Bellefond registra que em Rufisque, na costa do Senegal: "Todos, tanto homens quanto mulheres, falam um português corrompido"²⁸. O viajante francês Sabat, igualmente, referindo-se aos reinos de Ardra, Benin, Angola e Congo, diz que:

A língua portuguesa corrompida se conservou até agora e produziu um jargão ou língua franca que quase todo o povo entende, fala, de modo que aqueles que sabem português não têm necessidade de intérprete²⁹.

Aparentemente, o português como língua franca teria sido substituído por esse *pidgin* afro-português. Quanto ao último, pouco se

²⁵ Sobre os crioulos portugueses na África, ver: VALKHOFF, M. F., ed. *Miscelânea luso-africana*. Lisboa, Junta de Investigações Científicas de Ultramar, 1975.

²⁶ TONKIN, E. Algunas lenguas-pidgin de la Costa de África Occidental. In: ARDENER, E. et al. *Multilinguismo y categoría social*. Buenos Aires, Paidós, 1971.

²⁷ SILVA NETO, S. da. *História da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Livros de Portugal, 1952. p. 514.

²⁸ Do original em francês: "Tous, tant hommes que femmes, parlent un portugais corrompu". Apud BOULÈGUE, J. *Les luso-africains de Sénégalie*. XV-XIX^{ème} siècles. Travaux et Documents, v. I, Département d'Histoire, Université de Dakar, 1972. p. 50.

²⁹ Do francês: "La langue portugaise corrompue s'y est conservée jusqu'à présent, produit un jargon ou langue franque que presque tout le peuple entend, parle, de sorte que ceux qui savent le portugais n'ont pas besoin d'interprète". Apud SILVA NETO, S. da. *História da língua portuguesa*, cit., p. 515.

sabe sobre sua origem ou estrutura; é atestável, no entanto, que esse *pidgin* afro-português desapareceu simultaneamente ao declínio do poderio português na região.

Examinemos agora os crioulos portugueses na África. Segundo as regiões onde são falados, portanto segundo critérios estritamente geográficos, os crioulos portugueses são os seguintes ³⁰:

1) *Crioulos portugueses do golfo da Guiné* ³¹: da ilha de São Tomé, de Príncipe e de Ano Bom. As ilhas de São Tomé e Príncipe, ex-colônias portuguesas, constituem hoje um país independente. A ilha de Ano Bom, inicialmente portuguesa, passou para o domínio espanhol em 1977 e integra hoje o território da Guiné Equatorial com o nome de Pagalu. Na ilha de São Tomé, além do crioulo português tradicionalmente referido como o de São Tomé, desenvolveu-se também um outro crioulo português, conhecido como angular ³². O crioulo de Ano Bom ³³ é falado ainda hoje pela pequena comunidade da ilha. Os crioulos de São Tomé e Príncipe ³⁴ são falados pelo conjunto da população das ilhas respectivas. O português é a língua oficial e de instrução da República Democrática de São Tomé e Príncipe. O crioulo angular é restrito ao grupo étnico angular, que parece sofrer atualmente um processo de assi-

³⁰ Para uma classificação com base em diferentes critérios, ver: SCHUCHARDT, H. On Creole Portuguese. In: MARKEY, T. L., ed. *Hugo Schuchardt. The Ethnography of Variation. Selected Writings on Pidgins and Creoles*. Ann Arbor, Karoma, 1979; VASCONCELOS, J. L. de. Dialectos crioulos portugueses de África. Contribuições para o estudo da Dialectologia Portuguesa. *Revista Lusitana*, V:241-261, 1897-1899; SILVA NETO, S. da. *Falares Crioulos*. Brasília, V:3-28. Coimbra, 1950.

³¹ Ver FERRAZ, L. A origem e o desenvolvimento de quatro crioulos portugueses do golfo da Guiné. *Revista Brasileira de Linguística*, 3(2):70-76, 1976.

³² Ferraz informa que os quatro crioulos do golfo da Guiné têm uma só origem.

³³ Sobre a estrutura gramatical do crioulo de Ano Bom, ver: VALKHOFF, M. F., *Studies in Portuguese and Creole*, cit.; BARRENA, N. *Gramática Annobonesa*. Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Instituto de Estudios Africanos, 1957; VILA, I. *Elementos de la Gramática Ambú o de Annobón*. Madrid, 1891; SCHUCHARDT, H. Über das Negerportugiesische von Annobon. *Sitzungsberichte der Kaiserlichen Akademie der Wissenschaften zu Wien*, 116(2):193-226, 1888.

³⁴ Sobre a estrutura gramatical dos crioulos de São Tomé e Príncipe, ver: SCHUCHARDT, H. Über das Negerportugiesische von S. Tomé. *Sitzungsberichte der Kaiserlichen Akademie der Wissenschaften zu Wien*, 101(2):889-917, 1882; Idem. Zum Negerportugiesischen der Ilha do Príncipe. *Zeitschrift für romanische Philologie*, 13:463-75, 1889; FERRAZ, L. *The Creole of São Tomé*. Johannesburg, Witwatersrand University Press, 1974. Sobre o crioulo angular, consulte-se: FERRAZ, L. A Linguistic Appraisal of Angular. *Memórias António Jorge Dias*, II, Lisboa, Instituto de Alta Cultura e Junta de Investigações Científicas de Ultramar, 1974.

milção crescente ao grupo majoritário de falantes de crioulo de São Tomé.

Alguns dados demográficos, que datam de 1963, indicam uma população nas ilhas de São Tomé e Príncipe de 69 965, dos quais o grupo de brancos corresponde a 3 356; o de estrangeiros (angolanos, moçambicanos e cabo-verdianos), a 16 405. No grupo de nacionais (50 204), a fração de angolares alcança a cifra de 7 203 pessoas ³⁵.

2) *Crioulo português das ilhas de Cabo Verde*: o arquipélago de Cabo Verde compreende dois grupos de ilhas: as ilhas de Barlavento, ao norte (Santo Antão, São Vicente, São Nicolau, Sal e Boa Vista; Santa Luzia, Branco e Raso são praticamente desabitadas); e as ilhas de Sotavento, ao sul (Santiago, Maio, Fogo e Brava). O crioulo português que se constituiu nas ilhas desse arquipélago apresenta uma variação "dialetal" correspondente aos dois grupos geográficos básicos: a variedade de Barlavento e a variedade de Sotavento.

Ao lado das diferenças lingüísticas entre as duas variedades, observam-se idiossincrasias relacionadas ao nível sociocultural dos falantes. Já em 1880, Coelho testemunhava a existência de dois tipos de crioulos: o crioulo "rachado", "fundo", usado principalmente no interior das ilhas por indivíduos com pouca ou nenhuma escolarização em português; e o crioulo "leve" ou "levinho", falado especialmente nas zonas mais urbanas das ilhas por indivíduos com certa escolarização em português ³⁶.

3) *Crioulo português da Guiné-Bissau*: Segundo Wilson ³⁷, o crioulo da Guiné possui três variedades principais: a de Bissau e

³⁵ Dados apresentados em VALKHOFF, M. F., *Studies in Portuguese and Creole*, cit.

³⁶ Sobre a estrutura gramatical do crioulo de Cabo Verde, ver, por exemplo: SCHUCHARDT, H. Zum Negerportugiesischen der Kapverden. *Zeitschrift für romanische Philologie*, 12:312-22, 1888; SILVA, B. L. da. *O dialeto crioulo de Cabo Verde*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1957; ALMADA, W. D. de Oliveira. *Cabo Verde: contribuição para o estudo do dialecto falado em seu arquipélago*. Lisboa, Junta de Investigações de Ultramar, 1961; SANTOS, R. Le CapVert. *Realités Africaines et Langue Française*, Centre de Linguistique Appliquée de Dakar, Université de Dakar, 11:43-102, s. d.

³⁷ WILSON, W. A. A. *The Creole of Guiné*. Johannesburg, Witwatersrand University Press, 1962.

de Bolama; a de Cacheu e de São Domingos; e a de Bafatá e Geba ³⁸.

Dentro da comunidade nacional guineense, o crioulo português apresenta uma situação distinta daquela observada em Cabo Verde, São Tomé e Príncipe. Enquanto em São Tomé, Príncipe e Cabo Verde se observa a existência do crioulo em face apenas do português, na Guiné-Bissau há vários sistemas lingüísticos em coocorrência: o português (língua oficial e de instrução), as línguas nativas das diversas etnias (*diola, balanta, manjaco, banhum, beafadas, nalus, mandigas e fulas*) e o crioulo português. Este último é língua materna de apenas uma parte minoritária da população, embora seja usado como língua franca em toda a nação por grupos que possuem línguas maternas distintas.

4) *Crioulo português do Senegal*: na cidade de Ziguinchor, na região de Casamansa, ao sul do Senegal, existe uma comunidade com cerca de 2 mil pessoas (num conjunto de aproximadamente 80 mil habitantes) em que se fala um crioulo português.

Ziguinchor, próxima das atuais fronteiras entre o Senegal e a Guiné-Bissau, foi fundada por portugueses em 1645. Enquanto possessão lusitana, era administrativamente subordinada à Guiné-Bissau. Permaneceu portuguesa até 1886, quando então passou para o domínio francês, integrando-se assim ao território senegalês através de um tratado assinado entre a França e Portugal.

A comunidade dos "portugueses" de Ziguinchor, como tantas outras existentes na cidade (Diola, Bainuk ou Bagnum, Wolof, Serere, Sarakolé, Lebu, Mancanhé, Manjaco, etc.), é constituída de indivíduos plurilíngües: falam em geral o *wolof*, o *diola*, além do francês, quando possuidores de algum grau de escolarização. O crioulo português tem, no entanto, um lugar bem definido no repertório verbal da comunidade: é a língua usada em casa, nas relações familiares, de amizade, e, sobretudo, a língua transmitida às crianças em seu processo de socialização. Além disso, é usado

³⁸ Além de Wilson, indicado na nota anterior, sobre o crioulo da Guiné, ver ainda: BULL, B. P. *Le créole portugais de Guiné*. Université de Dakar, 1975. Mimeogr. BARROS, M. Marques de. O guineense. *Revista Lusitana*, (1897-1899), 5:174-181 e 271-300, 1897-99; 7:80-96, 166-88 e 268-82, 1908; KHIM, A. *Aspects d'une syntaxe historique: études sur le créole portugais de Guiné-Bissau*. Thèse de 3^{ème} cycle, Paris, Université de Paris III, 1980.

por um número significativo de indivíduos de outras etnias instaladas na comunidade ³⁹.

Um pouco de cor local: dados lingüísticos

Apresentamos até o momento informações de ordem variada sobre as línguas *pidgin* e crioulas.

Em nenhum momento, entretanto, detivemo-nos no exame de algumas particularidades dessas mesclas. Passemos, pois, à apresentação de alguns poucos dados sobre essas línguas. São dados restritos, isolados da estrutura geral de cada uma delas, mas que, de alguma forma, podem fornecer ao leitor uma idéia, ainda que genérica, da realidade do fenômeno lingüístico que discutimos tão longamente neste volume. Aos dados, pois!

A partícula *zo* no crioulo português de São Tomé ⁴⁰

No crioulo português de São Tomé, existem dois tipos básicos de sentença: o normal e o enfático. O tipo de sentença enfático distingue-se do chamado tipo normal pela presença da partícula *zo*. Consideremos então:

1) *minamosu kebla 'zaru*

//criança + pequena/ Ø —passado — quebrar/ jarro//⁴¹
"O menino quebrou o jarro."

2) *minamosu-zo kebla 'zaru*

³⁹ Sobre o crioulo português do Senegal, ver: CHATAIGNER, A. Le créole portugais du Sénégal: observations et textes. *Journal of African Languages*, 2, Part 1, p. 45-71, 1963; ALKMIN, T. A. *Les "portugais" de Ziguinchor (Sénégal)*. Approche sociolinguistique d'une communauté créolophone. Thèse de 3^{ème} cycle. Paris, Université René Descartes, Paris V, 1983.

⁴⁰ Os dados do crioulo de São Tomé foram coletados por Alkmim e Gnerre em 1978, em Campinas. A análise desses dados foi parcialmente apresentada em *Relatório inicial dos resultados da pesquisa desenvolvida sobre a língua falada em São Tomé*, mimeogr.

⁴¹ Notação usada na tradução dos exemplos: as barras duplas (//) contêm o enunciado, numa tradução de termo a termo; as barras simples (/) correspondem à separação gráfica utilizada na apresentação (palavras isoladas); para indicar que há composição de elementos, foi usado o sinal +; a tradução portuguesa aproximada é indicada entre aspas; a sílaba tônica das palavras é precedida por um apóstrofo.

Observe-se que, na sentença (2), a partícula *zo* aparece empregada logo após o sujeito da sentença (*minamosu* = “menino”). Tal sentença, considerada de tipo enfático no crioulo de São Tomé, equivale, em português, ao conjunto de sentenças, exemplificadas em (3), (4) e (5) a seguir.

- 3) “O jarro foi quebrado pelo menino.”
- 4) “Foi o menino quem quebrou o jarro.”
- 5) “Quem quebrou o jarro foi o menino.”

Os ideofones ⁴² do crioulo português da Guiné-Bissau

O crioulo da Guiné-Bissau utiliza partículas especiais para expressar a ênfase de adjetivos e verbos. Cada uma dessas partículas, que se comportam como advérbios de intensidade em português, aparece empregada após um adjetivo e/ou um verbo de sentido bem determinado. Assim temos:

- para “branco” = *fan'da*; *'branku fan'da* = “muito branco, branquíssimo, branco como a neve”
- para “limpo” = *pus*; *'limpu-pus* = “muito limpo”
- para “cheio” = *kũ*; *'intyi-kũ* = “muito cheio, cheio até a borda”
- para “seco” = *kā*; *'seku-kā* = “muito seco”
- para “comer” = *fep*; *i ku'me-fep* = “ele comeu tudo”
- para “calar” = *yem*; *i ka'la-yem* = “ele guardou um silêncio total”

Essa série de ideofones é, no entanto, limitada. Outros verbos e adjetivos podem ser enfatizados ora com o advérbio *tyiu* (= “muito”), ora com uma entonação ou duração particular:

- mi'ninu papi'a tyiu* = “o menino falou muito”
kasa ga'ra:ndi ⁴³ = “casa muito grande”

⁴² O ideofone é um som ou um grupo de sons que corresponde a uma idéia, conceito, processo, qualidade. Os dados sobre os ideofones do crioulo da Guiné-Bissau foram retirados das seguintes fontes: WILSON, W. A. A. *The Crioulo of Guiné*. Johannesburg, Witwatersrand University Press, 1962; e BULL, B. P. *Le créole portugais du Guiné*. 1975. Trabalho inédito.

⁴³ Os dois-pontos depois do segundo *a* indicam uma duração mais longa da vogal.

O sistema verbal do crioulo português do Senegal ⁴⁴

O crioulo português do Senegal, falado na cidade de Ziguinchor, apresenta os seguintes elementos em seu sistema verbal:

- dois prefixos: *ta-* e *na-*;
- um sufixo: *-ba*; e
- morfema zero (\emptyset).

Além desses morfemas, empregados individualmente, existem também as seguintes combinações compondo a morfologia do verbo nesse crioulo:

- ta...*-*ba*; e
- na...*-*ba*.

O prefixo *ta-*, por exemplo, permite exprimir dois tipos de modalidade aspectual: o habitual e o virtual. Através do emprego de formas verbais com o prefixo *ta-*, o falante pode indicar que:

- a ação expressa pelo verbo se passa habitualmente:

- 6) *i ta-bi'bi*
//ele/ ta + beber//

“Ele bebe (= tem o hábito de beber).”

— o sujeito da ação expressa pelo verbo tem a capacidade de realizar esta ação:

- 7) *i ta-kan'ta 'dritu*
//ele/ ta + cantar/ direito//

“Ele canta bem (= tem a capacidade de cantar bem).”

O prefixo *na-*, por sua vez, expressa três tipos de modalidade aspectual: o progressivo, o iminente e o contemporâneo. Através do emprego de formas verbais com o prefixo *na-*, o falante pode indicar que:

— a ação expressa pelo verbo está em progresso no momento de sua enunciação:

- 8) *i na-ku'me*
//ele/ na + comer//
- “Ele está comendo.”

— a ação expressa pelo verbo está na iminência de se realizar:

- 9) *i na-dur'mi*
//ele/ na + dormir//

“Ele está quase dormindo.”

— a ação expressa pelo verbo é contemporânea ao seu ato de enunciação:

⁴⁴ Dados retirados de ALKMIN, T., *Les “portugais” de Ziguinchor...*, cit.

10) *i na-mo'ra na Da'kar*

//ele/ na + morar/ em/ Dacar//

"Ele atualmente mora em Dacar."

As formas verbais acompanhadas do prefixo *na-* podem ainda aparecer usadas com expressões temporais do tipo "amanhã", "no ano que vem", indicando assim posterioridade:

11) *i na-kum'pra 'karu ama'ñã*

//ele/ na + comprar/ carro/ amanhã//

"Ele vai comprar um carro amanhã."

O morfema zero (Ø) indica o aspecto perfectivo no sentido de que é o completamento total e perfeito da ação:

12) *i say*

//ele/ Ø + sair//

"Ele saiu."

O sufixo *-ba* expressa o tempo passado, isto é, a anterioridade da ação verbal:

13) *i ku'me-ba*

//ele/ comer + ba//

"Ele comeu."

A diferença entre o morfema zero e o sufixo *-ba* na expressão do passado reside na referência direta do último em relação à anterioridade da ação verbal e ao momento da enunciação.

A combinação do prefixo *ta-* com o sufixo *-ba* permite expressar a dupla noção de aspecto habitual e de tempo passado:

14) *i ta-bi'bi-ba tyu*

//ele/ habitual + beber + passado/ muito//

"Ele bebia muito (= antigamente ele tinha o hábito de beber)."

A combinação do prefixo *na-* e do sufixo *-ba*, por sua vez, exprime a dupla noção de aspecto progressivo e de tempo passado:

15) *i na-mo'ra-na na Gĩ'ne*

//ele/ progressivo + morar + passado/ em/ Guiné//

"Ele estava morando na Guiné."

Topicalização e deslocamento à esquerda no crioulo cabo-verdiano

Dos exemplos apresentados até o momento, nenhum crioulo português havia recebido até 1982 um tratamento quantitativo e metodologicamente exemplar quanto o crioulo cabo-verdiano, estu-

dado por Braga⁴⁵. Neste trabalho, Braga examina dois tipos de construção sintática, exemplificados em (16) e (17):

16) Bon, *tubarâu*, sem, senpe ênt t'oiá nes baia

//bom/ tubarão/ sempre/ sempre/ a gente/ vê/ nesta/ baía//

"Bem, tubarão, sempre, sempre a gente vê nesta baía."

17) *Es sok*, bo trazêl pra li

//este/ saco/ você/ trazer/ ele/ pra/ cá//

"Este saco, traga-o pra cá."

A sentença (16) corresponde a uma estrutura topicalizada e a de número (17), a uma deslocada à esquerda.

Contrariando a literatura da área, segundo a qual a ordem dos constituintes nas línguas crioulas é basicamente invariável⁴⁶, Braga constata, através de um cuidadoso exame de quarenta horas de gravação de fala coloquial no crioulo cabo-verdiano, a existência de estruturas do tipo (16) e (17), cujos princípios e funções não são diferentes em natureza daqueles que operam nas chamadas línguas naturais, ou, conforme a própria autora afirma, nas línguas "plenamente desenvolvidas".

E assim os exemplos se sucedem. Muitos outros dados sobre os crioulos portugueses poderiam ser aqui incluídos, mas colocá-los a todos seria no mínimo empreender um outro volume. Terminemos, pois, este passeio rápido pelos dados crioulos com alguns exemplos de crioulo francês e inglês.

A expressão de grau no crioulo francês da Guiana⁴⁷

Duas formas exprimem a comparação de igualdade no crioulo francês da Guiana:

— a partícula *ku* (= "como"), colocada logo após o adjetivo:

18) *li mo've ku so frE*⁴⁸

//ele/ malvado/ como/ seu, dele/ irmão//

"Ele é tão malvado como seu irmão."

⁴⁵ BRAGA, M. L. *Topicalization and Left-dislocation in Capeverdean Creole*. University of Pennsylvania, Tese de doutorado inédita; e idem. *Deslocamentos para a esquerda e topicalizações no crioulo cabo-verdiano*. Mimeogr.

⁴⁶ Cf. SILVA, B. L. *O dialeto crioulo de Cabo Verde*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1957. p. 177.

⁴⁷ Dados retirados de: FAUQUENOY, M. Saint-Jacques. *Analyse structurale du créole guyanais*. Paris, Klincksieck, 1972.

⁴⁸ A notação *E* equivale ao /e/ aberto do português, como em *café*.

— o morfema descontínuo *osi...ki* (= “tão...quanto”):

19) *kõ'pe ti o'si me'sã ki ma'kak*⁴⁹

//compadre/ tigre/ tão/ malvado/ que/ macaco//

“Compadre Tigre é tão malvado quanto o macaco.”

Igualmente, o comparativo de superioridade é expresso por duas formas:

— a primeira, a mais freqüente, é o emprego da partícula *pa'se*:

20) *li grã pa'se mo*

//ele/ grande/ ultrapassar/ eu//

“Ele é maior que eu.”

— o morfema descontínuo *pi...ki*:

21) *mo pi a'drEt ki to*

// eu/mais hábil/ que/ você//

“Eu sou mais hábil que você.”

Para exprimir o comparativo de inferioridade, é possível o morfema descontínuo *mwe...ki* (= “menos...que”), embora seja de baixa freqüência:

22) *goy'av mwē šwit ki ba'kov*

//goiaba/ menos/ doce/ que/ banana//

“A goiaba é menos doce que a banana.”

Em lugar de *mwe...ki*, no entanto, usa-se mais freqüentemente a forma do comparativo de superioridade, alterando-se o foco discursivo:

23) *ba'kov šwit pa'se goy'av*

//banana/ doce/ ultrapassar/ goiaba//

“A banana é mais doce que a goiaba.”

As construções superlativas são de natureza variada:

— uso da partícula *men* após o adjetivo:

24) *mo ma'lad-men*

//eu/ doente + men//

“Eu estou muito doente (= doentíssimo).”

— o uso de *tre* (= “muito”):

25) *mo tre malad*

//eu/ muito/ doente//

“Eu estou muito doente (= doentíssimo).”

— o uso repetido do adjetivo:

26) *li vi'ni grã grã grã*

//ele/ Ø — passado + tornar-se/ grande/ grande/ grande//

⁴⁹ A notação *š* deve ser lida como o /ch/ do português em *chave*.

“Ele tornou-se muito grande.”

— o alongamento de vogais:

27) *li mo:'ve*

//ele/ mau//

“Ele é muito mau.”

O sistema pronominal e as orações adjetivas no crioulo inglês neomelanésio (ou *tok pisin*)⁵⁰

O neomelanésio, ou *tok pisin*, apresenta um sistema pronominal com as seguintes formas:

mi go = “eu vou”

mi-fela go = “nós vamos” (isto é, *nós* exclusivo = eu e outra ou outras pessoas, excluindo-se o interlocutor)

yumi go = “nós vamos” (isto é, *nós* inclusivo = eu e o interlocutor que me ouve)

yu go = “você vai”

yu-fela go = “vocês vão”

em go = “ele, ela vai”

ol go = “eles vão”

Como se pode observar, o neomelanésio apresenta a distinção de primeira pessoa do plural inclusiva (*yumi*) e exclusiva (*mi-fela*). O sufixo *fela* (do inglês *fellow* = “camarada, companheiro”) aparece ligado a *mi* (= “eu”) e a *yu* (= “você”). A forma de terceira pessoa do plural *ol* (= “eles”), no entanto, é distinta do singular *em* (= “ele/ela”).

Os trabalhos de Sankoff sobre o *tok pisin*, reunidos em seu livro de 1980, revelam facetas interessantíssimas dessa língua crioula. Dentre elas destaquemos uma: a formação de orações adjetivas. Nesse estudo, a autora mostra como o processo de sintaticização do crioulo “nasce”, na realidade, no próprio discurso. Ou seja, o advérbio do inglês *here* (= aqui), refonologizado em *tok pisin* como *ia*, aparece demarcando fronteiras sintático-discursivas do sintagma nominal, como, por exemplo, em:

28) *Dok ia, em naispela dok*

//cachorro + ia/ ele/ simpático/ cachorro//

⁵⁰ Dados retirados de duas fontes principais: HALL JR., R. A. *Pidgins and Creole Languages*. Ithaca, Cornell University Press, 1966; e SANKOFF, G. *The Social Life of Language*. Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 1980.

“Este cachorro, ele era um cachorro simpático.”

Similarmente, o marcador *ia*, que aparece fechando o sintagma nominal *dok* em (28), é implementado no sistema de subordinação emergente, estabelecendo as fronteiras laterais das orações adjetivas, conforme testemunham os exemplos (29) e (30) abaixo.

29) *Meri ia, em i yangpela meri, draipela meri ia, em harim istap*

//menina + ia/ ela/ jovem/ menina/ grande/ menina + ia/
ela/ escutar + progressivo//

“Esta menina, que era uma menina jovem e grande, estava escutando.”

30) *Disfela liklik boi ia, tupela kisim em ikam ia, em, em ilaik igo huk*

//este/ pequeno/ menino + ia/ os dois/ trazer/ ele/ perfectivo/ ia/ ele/ ele/ posterioridade + ir/ pescar//

“Este menininho que os dois tinham trazido estava indo pescar.”⁵¹

⁵¹ Neste final de capítulo e momentos antes das conclusões, gostaríamos de fazer duas indicações bibliográficas. Em primeiro lugar, destaquemos os trabalhos realizados sobre a mescla de contato denominada *cafundó*, cujo interesse principal reside no fato de ser uma língua de contato, diferentemente dos *pidgins* e crioulos analisados neste volume, com léxico do substrato e estrutura do superstrato (= o português). Ver, em especial: VOGT, C.; FRY, P.; GNERRE, M. Las lenguas secretas de Cafundó. In: *Punto de Vista*. Buenos Aires, 1980; VOGT, C. & FRY, P. A “descoberta” do Cafundó: alianças e conflitos no cenário da cultura negra no Brasil. In: *Religião e Sociedade*, 8. Rio de Janeiro, 1982; dos mesmos dois autores, VOGT & FRY, Ditos e feitos da falange africana do Cafundó e da calunga de Patrocínio (ou de como fazer falando). *Revista de Antropologia*, XXVI. São Paulo, 1983. Cuipar e cuendar pra conjenga carunga: a morte e a morte no Cafundó. In: MARTINS, J. de S., org. *A morte e os mortos na sociedade brasileira*. São Paulo, Hucitec, 1983. A segunda indicação diz respeito à questão bastante controversa sobre o estatuto crioulo do português do Brasil. Não quisemos levantar o problema, devido à natureza didática do presente manual; os interessados no assunto, no entanto, poderão consultar: RÉVAH, I. S. La question des substrats et superstrats dans le domaine linguistique brésilien. *Romania*, 84:433-56, 1963; e, em especial, o trabalho de GUY, G. *Linguistic Variation in Brazilian Portuguese: Aspects of the Phonology, Syntax and Language History*. Tese de doutorado inédita. University of Pennsylvania (em particular, consulte-se o sétimo capítulo).

8

Falares em contato: conclusões

Rememorando o contato: o roteiro do livro

E assim chegamos ao final deste livro. Travamos, ao longo dele, contato com formas lingüísticas que convencionamos chamar de mesclas. Tais mesclas, conforme a argumentação empreendida pelos autores, aparecem sob formas, cores e matizes diversos; sua natureza e essência, no entanto, são únicas. Ou seja, as diversas mesclas apresentadas refletem diferenças no nível de frequência de traços estruturais, mas não no nível da substância do elemento. Língua franca, *pidgins*, crioulos, socioletos, registros, códigos, etc. aparecem com nuances distintas de grau e frequência, mas não de composição. Explicitemos mais.

O estopim propulsor deste manual eram as línguas *pidgin* e crioulas. A literatura sociolingüística afirma serem essas línguas resultado de um processo de mistura de duas ou mais línguas. Nesse sentido, justifica-se a metáfora da mescla escolhida pelos autores. Línguas *pidgin* e crioulas são formas lingüísticas mescladas, resultantes de um amalgamento de dois ou mais sistemas. A literatura mais antiga, conforme indicado nos Capítulos 5 e 6, aponta ainda para o caráter negativo, não-natural e não-genuíno dessas mesclas como veículo de comunicação e, por decorrência, como objeto real de estudos lingüísticos.